



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

RS
SE
LIBERADO PARA FILMAGEM
TO. AG. LEP.
SUJEITAS À LICENÇA AUTORIZAÇÃO
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

"EU NADA ENTENDO DA QUESTÃO SOCIAL"

ROTEIRO POÉTICO-MUSICAL DE LUIZ ARTHUR NUNES

AUTORES | : CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CECÍLIA MEIRELES
GREGÓRIO DE MATOS
F.L. BITTENCOURT SAMPAIO
PAURILLO BARROSO
INDIA REGO
FRANCISCO MIGNONE

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A RUA DOS CATAVENTOS : V

Mário Quintana

Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela, simplesmente...
E sei apenas do meu próprio mal.
Que não é bem o mal de toda a gente.

Nem é deste planeta... por sinal
Que o mundo se lhe mostra indiferente!
E o meu anjo da guarda, ele somente.
É quem lê os meus versos afinal...

E enquanto o mundo em torno se esbarronda,
Vivo regendo estranhas contradanças
No meu vago país de Trebizonda...
Entre os loucos, os mortos e as crianças,
É lá que eu canto, numa eterna ronda...
Nossos comuns desejos e esperanças!...

SINAL DE APITO

C. Drummond de Andrade

Um silvo breve: atenção, siga.

Dois silvos breves: pare.

Um silvo breve à noite: acenda a lanterna

Um silvo longo: diminua a marcha.

Um silvo longo e breve: motoristas à postos

(A este sinal todos os motoristas tomam lugar nos seus veículos para movimentá-los imediatamente.)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

COMUNHÃO

C. Drummond de Andrade

Todos os meus mortos estavam de pé, em círculo,
Eu no centro.

Nenhum tinha rosto, eram reconhecíveis
pela expressão corporal e pelo que diziam
no silêncio de suas roupas além da moda
e de tecidos; roupas não anunciadas
nem vendidas.

Nenhum tinha rosto. O que diziam
escusava resposta.

Ficava parado, suspenso no salão, objeto
denso, tranquilo.

Notei um lugar vazio na roda.

Lentamente fui ocupá-lo.

Surgiram todos os rostos, iluminados.

QUADRILHA

C. Drummond de Andrade

João amava Teresa que amava Raimundo
Que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
Que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
Que não tinha entrado na história.

O PAR LIBERTADO

C. Drummond de Andrade

No centro
No centro de uma praça
No centro de uma praça circular
Ei-nos sentados, contemplados
Novos reis e rainhas de Henry Moore
Menos reverenciados que inquiridos
Por guardas e pedestres
Computadores fotógrafos vorazes.
Imóveis como convém ao estar na praça
Bem no centro do Dolhar
Em nossas mãos pousa a partícula de pó
Viajado de outras praças
A caminho de outras (e perdeu-se
para ser nossa live companhia)

Nossas microbiografias não seduzem
A pergunta mundial.
Querem saber de nós o que não pode ser dito
Nem se chega a pensar, uma existência
Não basta para tanto:
Segredo que se fecha sem esforço
Porque futuro e branco;
(Na dignidade da postura
paralítica, ausente de sentido,
irradiamos talvez
surda sabedoria
flor e sumo de todo não-fazer.)

Irritam-se insofridos
Nossos inspetores
E de um mal nos acusam
Imperdoável mais do que tolera
De não escritas leis a face branda;
O crime de calar
Quando atinge à palavra o som do inseto
E há escola de grito submarino.
No centro de uma praça ou de uma arena?
No teatro? Senado? Consuntório
Metafísico, bolsa de valores

O PAR LIBERTADO (continuação)

Que valem mais e menos cada instante
Se o investigador vai morrer ou vai amar?
No quarto-cama-kit devassado
Pelo raio de mio vidraças e sistemas?

Bem no centro do mundo
Bem no centro
Ou
Nessa plataforma espacial
Quedamos longe
De vossa curiosidade e até de nossa
Mesma nostalgia dos espelhos.
Em deserto nos vemos e sorrimos
Imperceptivelmente
Imóveis
Imêmoreos
Imantados
Pelo aço do silêncio em nós cravado.

RETRATO DE FAMÍLIA

C. Drummond de Andrade

Este retrato de família
Está um tanto empoeirado.
Já não se vê no rosto do pai
Quanto dinheiro ele ganhou.

Nas mãos dos tios não se percebem
As viagens que ambos fizeram.
A avó ficou lisa, amarela,
Sem memórias da monarquia.

Os meninos, como estão mudados.
O rosto de Pedro é tranquilo,
Usou os melhores sonhos.
E João não é mais mentiroso.

O jardim tornou-se fantástico.
As flores são placas cinzentas.
E a arcia, sob pés extintos,
É um oceano de névoa.

No semicírculo de cadeiras
Nota-se certo movimento.
As crianças trocam de lugar,
Mas sem barulho: é um retrato.

Vinte anos é um grande tempo.
Modela qualquer imagem.
Se uma figura vai murchando,
Outra, sorrindo, se propõe.

Esses estranhos assentados,
Meus parentes? Não acredito.
São visitas se divertindo
Numa sala que se abre pouco.

Ficaram traços da família
Perdidos no jeito dos corpos.
Bastante para sugerir
Que um corpo é cheio de surpresas.

RETRATO DE FAMÍLIA (continuação)

A moldura deste retrato
Em vão prende suas personagens.
Estão ali voluntariamente,
Saberiam - se preciso - voar.

Poderiam sutilizar-se
No claro-escuro do salão,
Ir morar no fundo de móveis
Ou no bolso de velhos coletes.

A casa tem muitas gavetas
E papéis, escadas compridas.
Quem sabe a malícia das coisas,
Quando a matéria se aborrece?

O retrato não me responde,
Ele me fita e se contempla
Nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam.

Os parentes mortos é vivos.
Já não distingo os que se foram
Dos que restaram. Percebo apenas
A estranha idéia de família

Viajando através da carne.

RETRATO

Cecília Meireles

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo,

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
A minha face?

A MARIA DE POVOS, SUA FUTURA ESPOSTA

Gregório de Matos

Discreta e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora,
Em tuas faces a rosada,
Em teus olhos e boca, o sol e o dia:

Enquanto com gentil cortesia,
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança brilhadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trata a toca ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Ó não aguardes, que a madura idade,
Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

MULHER AO ESPELHO

Cecília Meireles

Que hoje seja esta ou aquela,
Pouco me importa.
Quero apenas parecer bela,
Pois, seja qual for, estou morta.

Já fui loura, já fui morena,
Já fui Margarida e Beatriz.
Já fui Maria e Madalena.
Só não pude ser como quis.

Que mal faz, esta cor fingida
Do meu cabelo, e do meu rosto,
Se tudo é tinta: o mundo, a vida,
O contentamento, o desgosto?

Por fora, serei como queira
A moda, que me vai matando.
Que me leven pele e caveira
Ao nada, não me importa quando.

Mas quem viu, tão dilacerados,
Olhos, braços e sonhos seus,
E morreu pelos seus pecados, falará com Deus.

Falará, coberta de luzes,
Do alto penteado ao rubro artelho.
Porque uns esperam sobre cruces,
Outros, buscando-se no espelho.

VIDA MENOR

C. Drummond de Andrade

A fuga do real,
 Ainda mais longe a fuga do feérico,
 Mais longe de todo, a fuga de si mesmo,
 A fuga da fuga, o exílio
 Sem água e palavra, a perda
 Voluntária do amor e memória,
 O eco já não correspondendo ao apelo, e este fundindo-se,
 A mão tornando-se enorme e desaparecendo
 Desfigurada, todos os gestos afinal impossíveis.
 Senão inúteis.
 A desnecessidade do canto, a limpeza
 Da cor, nem braço a mover-se nem unha crescendo.
 Não a morte, contudo.

Mas a vida: captada em sua forma irredutível,
 Já sem ornato ou comentário melódico.
 Vida a que aspiramos como paz no cansaço
 (Não a morte),
 Vida mínima, essencial; um início; um sono;
 Menos que terra. Sem calor; sem ciência nem ironia;
 Em que o ar, não respirando, mas me envolva;
 Nenhum gasto de tecidos; ausência deles;
 Confusão entre manhã e tarde, já sem dor,
 Porque o tempo não mais se divide em seções; o tempo
 Elidido, domado.
 Não o morto nem o eterno ou o divino,
 Apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente
 E solitário vivo.
 Isso eu procuro.

A MÃO SUJA

C. Drummond de Andrade

Minha mão está suja,
 Preciso cortá-la.
 Não adianta lavar,
 A água está podre,
 Nem ensaboar,
 O sabão é ruim,
 A mão está suja,
 Suja há muitos anos.

A princípio oculta
 No bolso da calça?
 Quem o saberia?
 Gente me chamava
 Na ponta do gesto.
 Eu seguia, duro.
 A mão escondida
 No corpo espalhava
 Seu escuro rastro.
 E vi que era igual
 Usá-la ou guardá-la.
 O nojo era um só;

Ai, quantas noites
 No fundo da casa
 Lavei essa mão,
 Poli-a, escovei-a.
 Cristal ou diamante,
 Por maior contraste,
 Quisera torná-la,
 Ou mesmo por fim,
 Uma simples mão branca,
 Não limpa de homem,
 que se pode pegar
 E levar à boca
 Ou prender à nossa
 Num desses momentos
 Em que dois se confessam
 Sem dizer palavra...

A mão incurável
 Abre dedos sujos.
 E era um sujo vil,
 Não sujo de terra,
 Sujo de carvão,
 Casca de ferida,
 Suor na camisa
 De quem trabalhou.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A MÃO SUJA (continuação)

Era um triste sujo
Feito de doença
E de mortal desgosto
Na pele enfarada

Não era sujo preto
- O preto tão puro
Numa coisa branca;
Era sujo pardo,
Pardo, tardo, cardo.

Inútil reter
A ignóbil mão suja
Posta sobre a mesa.
Depressa cortá-la,
Fazê-la em pedaços
E jogá-la ao mar!

Com o tempo, a esperança
E seus maquinismos,
Outra mão virá
Pura - transparente -
Colar-se a meu braço.

JOSÉ

C. Drummond de Andrade



E agora, José?
A festa acabou,
A luz apagou,
O povo sumiu,
A noite esfriou,
E agora, José?
E agora, você?
Você que é sem nome,
Que zomba dos outros,
Você que faz versos,
Que ama, protesta?
E agora, José?
Está sem mulher,
Está sem discurso,
Está sem carinho,
Já não pode beber,
Já não pode fumar,
Cuspir já não pode,
A noite esfriou,
O dia não veio,
O bonde não veio,
Não veio a utopia
E tudo acabou
E tudo fugiu
E tudo mofou,
E agora, José?

E agora José?
Sua doce palavra,
Seu instante de febre,
Sua gula e jejum,
Sua biblioteca,
Sua lavra de ouro,
Seu terno de vidro,
Sua incoerência,
Seu ódio - E agora?

Com a chave na mão
Quer abrir a porta,
Não existe porta;
Quer morrer no mar,
Mas o mar secou;
Quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

JOSÉ (continuação)

Se você gritasse,
Se você gemesse;
Se você tocasse a valsa vienense,
Se você dormisse,
Se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro, José!

Sozinho no escuro
Qual bicho do mato,
Sem teogonia,
Sem parede nua
Para se encostar,
Sem cavalo preto
Que fuja a galope,
Você marcha, José!
José, para onde?

CORAÇÃO NUMEROSO

C. Drummond de Andrade

Foi no Rio.

Eu passeava na avenida quase meia-noite.

Havia a promessa do mar

E bondes tilintavam,

Abafando o calor

Que soprava com o vento

E o vento vinha de Minas.

Meus paralíticos sonhos desgosto de viver

(A vida para mim é vontade de morrer)

Faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente

Na Galeria Cruzeiro Quente Quente

E como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,

Nenhuma vontade de beber, eu disse: acabemos com isso.

Mas tremia na cidade uma fascinação de casas compridas

Autos abertos correndo a caminho do mar

Voluptuosidade errante do calor

Mil presentes da vida aos homens indiferentes,

Que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.

A rua acabou, quedê as árvores? A cidade sou eu

A cidade sou eu

Sou eu a cidade

Meu amor.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

QUEM SABE?!...

F.L. Bittencourt Sampaio

Tão longe de mim distante,
Onde irá, onde irá teu pensamento?
Quisera saber agora se esqueceste o juramento.
Quem sabe se ainda és constante,
Se ainda é meu teu pensamento.
Minha alma toda devora
Da saudade de agro tormento.
Vivendo de ti ausente,
Ai, meu Deus, que amargo pranto!
Suspiros, angústia e dores
São as vozes do meu canto.
Quem sabe, pomba inocente,
Se também te corre o pranto!
Minh'alma, cheia de amores,
Te entreguei já neste canto.

TU (TU ÉS A VIDA QUE ME FAZ VIVER)

Paurillo Barroso

Tu, a quem eu canto esta canção de amor e pranto,
Escuta então a minha voz que implora,
Teu coração, que minh'alma adora...
Tu, meu grande amor, por que não vens agora suavizar-me a dor?
Tu és o sol que doira minha vida,
Tu és, amor, meu todo bem-querer.
Tu és a minha inspiração, querida,
Tu és a vida que me faz viver.

RECOMENDAÇÃO

India Rego

Se vais partir, levando o que sonhei,
As horas felizes que, irrefletida, te dei,
Se vais levar tudo, tudo,
Por que não levas também esta saudade tão tua,
Que tu me deixas, meu bem?

IMPROVISO

Francisco Mignone

Linda poesia é o teu amor,
Que encantos novos à minha alma dá.
Ternuras e carícias doces sabes inventar,
E com ardor, meu amor, não vivo mais que para a tua felicidade.
Enfim, meu lindo amor és tu.